



Entrevista a Rita Monaldi e Francesco Sorti

## “Ficámos surpreendidos com as falsidades que se escrevem”

POR: ANA FILIPA BALTAZAR  
abalazar@meiahora.pt

O elogio à fundamentação histórica tem sido unânime por toda a Europa onde foi posto à venda o livro *Secretum*, que esta semana chegou às livrarias portuguesas. Um lançamento acompanhado de perto pelos autores Rita Monaldi e Francesco Sorti, que de passagem pela cidade de Lisboa falaram ao *Meia Hora* sobre o seu trabalho, envolto em grande polémica na sua Itália natal.

A consistência dos vossos argumentos tem sido reconhecida até academicamente, mas fazer pesquisa história é algo complexo.... É a nossa experiência jornalística que obriga ao rigor. Não é, de facto, fácil, porque

trabalhamos apenas a partir de documentos e livros originais. Seja para os assuntos centrais, seja para mera documentação sobre a época, costumes, tradições.

Somos uma excepção. Talvez por isso o romance histórico, hoje em dia, é de tão baixa qualidade e garantia. Mas não foi sempre assim: Dumas e Alessandro Manzoni passaram anos a estudar em arquivos antes de escreverem os seus livros.

Há um acesso fácil aos documentos originais?

Nada fácil, sobretudo em Itália, onde os catálogos estão muito incompletos. Napoleão levou muita coisa de Roma. Foi difícil juntar as peças para o primeiro livro (*Imprimatur*) e para o se-

gundo (*Secretum*). Para o outro a seguir (*Veritas*) já foi diferente, porque se passa em Viena e na Áustria os arquivos são óptimos, muito bem organizados.

Vocês têm, alegadamente, feito descobertas significativas. Consideram haver ainda muito por revelar na História da Europa?

Basta andar nos arquivos para se perceber isso. O facto é que, actualmente, a História é mais de livraria do que de arquivos. Ficámos surpreendidos com as falsidades que se escrevem em História, inclusivamente nos manuais escolares.

Neste *Secretum*, chegaram à conclusão de que a assinatura do testamento do rei Car-

los II (que passou o trono à dinastia Bourbon) é falsa. Como foi a reacção em Espanha?

Foi muito serena e lúcida. A notícia da descoberta circulou na Internet em Outubro de 2004 e gerou uma grande discussão, mas nunca houve a intenção de silenciar a verdade. É uma polémica histórica, não política.

Em Itália já não foi assim...

Em Itália, a polémica foi devida a *Imprimatur*, que fala do facto de o Papa Inocência XI ter financiado o protestante Guilherme de Orange. Foi o fim do mundo e desde aí estamos na lista negra. Há um boicote aos nossos livros em todas as frentes. Fomos banidos, o que nos entristece muitíssimo.



A ITÁLIA JÁ NÃO OS OUVI  
LUIS ANICETO

Os escritores italianos Rita Monaldi e Francesco Sorti queixam-se de estar a ser alvo de boicote no país natal, onde os seus livros não são publicados depois da polémica com "Imprimatur", com revelações sobre o Papa Inocência XI

Livro

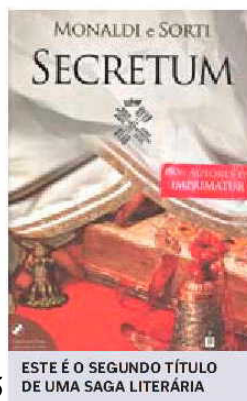
### “Secretum” põe em causa legitimidade da dinastia Bourbon

No material que acompanha a divulgação de *Secretum*, fica desde logo esclarecido que “todas as personagens e cenários são autênticos, assim como, segundo os diários, correspondências e documentos da época, os rumores e os temas polémicos discutidos às refeições”. Este é um ponto fundamental para o casal Rita Monaldi, filóloga e especialista em História das Religiões, e Francesco Sorti, musicólogo especializado no século XVII.

Trata-se do segundo título de uma saga literária iniciada

em 2002 com *Imprimatur* e, entretanto, já continuada em alguns países com um terceiro volume, *Veritas*. No final, todos juntos, os títulos formarão uma frase: “Imprimatur secretum, veritas mysterium” (“Mesmo quando um segredo é impresso, a verdade permanece um mistério”).

**Disco adicional.** Cada um dos livros centra-se num ano significativo. *Secretum* – que é acompanhado por um CD de música barroca – passa-se em 1700, ano do Jubileu, e tem como tema central o tráfico



ESTE É O SEGUNDO TÍTULO DE UMA SAGA LITERÁRIA

de influências exercido pelo rei Luís XIV de França e pelo Vaticano com o objectivo de travar Kaiser Leopold, da Áustria, de alcançar o domínio do império espanhol depois da morte de Carlos II, o último Habsburgo.

Com base em documentos reais, analisados por grafólogos, os autores – que alegam ser vítimas de censura no seu país, onde os seus livros não são publicados – põem em causa a autenticidade da assinatura do testamento da monarca espanhola a favor de Filipe de Anjou, neto do Rei Sol.